



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - LITORAL

Angélica Ripari

**PIRATA CORCORÃ:
INICIATIVAS NA EDUCAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DA PAZ**

**MATINHOS/PR
2025**

Angélica Ripari

PIRATA CORCORÃ: INICIATIVAS NA EDUCAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DA PAZ.

Proposta e prática de articulação entre educação e cultura para proposição de cultura da paz e reflexão sobre masculinidades na infância, apresentadas no Curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Orientadora: Educadora Susan Regina Raittz

RESUMO

Este trabalho se propõe a repensar a violência e sua reprodução, em especial sobre as origens das agressividades dos meninos. Partimos da ideia de que temos um código social que direciona como devemos agir em sociedade, como se tivéssemos a disposição de um mapa cultural. E neste mapa, temos muitas práticas que reforçam ou até incentivam um caminho de violência, mesmo quando desejamos a cultura de paz. Ao pensarmos nas crianças em sua formação, como educar em meio a esse impasse de definição? Educar para manter os códigos sociais tradicionais ou educar projetando uma outra sociedade? Propiciar a reflexão madura e construtiva é sempre o melhor horizonte. Este trabalho acompanha a execução da produção de um projeto cultural que tem como ponto de partida a publicação do livro “Pirata Corcorã: como ser um Homem Grande”, seguindo a aplicação das ações de democratização em oficinas com crianças da rede pública, professores e universidades nas cidades do litoral do Paraná, se propõe como um convite para a reflexão e o diálogo em busca a construir novas referências do que é um ser humano e o que é ser um homem.

Palavras-chave: literatura infantil, construção da cultura da paz, masculinidades, alternativas para uma nova educação.

C

RESUMO.....	3
INTRODUÇÃO	5
A ESCOLHA DO PROJETO.....	5
O PROJETO	7
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
PENSAMENTOS PEDAGÓGICOS	13
CONCLUSÕES	15
REFERÊNCIAS.....	19

INTRODUÇÃO

O livro “Pirata Corcorã: como ser um Homem Grande” é um convite para a reflexão sobre a construção da cultura da paz, em especial para a agressividade dos meninos. Partimos da ideia de que temos um código social que direciona como devemos agir em sociedade, como se tivéssemos a disposição de um mapa cultural. E neste mapa, temos muitas práticas que reforçam ou até incentivam um caminho de violência, mesmo quando desejamos a cultura de paz. Ao pensarmos nas crianças e sua formação, como educar em meio a esse impasse de definição? Educar para manter os códigos sociais tradicionais ou educar projetando uma outra sociedade? Propiciar a reflexão madura e construtiva é sempre o melhor horizonte.

A ação do Projeto “Pirata Corcorã: como ser um Homem Grande” parte da Lei de incentivo estadual PROFICE (edital 002/2024) com apoio da COPEL e para elaboração do blog contamos também com incentivo da Lei Paulo Gustavo municipal de Paranaguá (LPG nº195/2022, edital de chamamento 003/2024).

A ESCOLHA DO PROJETO

O projeto “Pirata Corcorã: como ser um grande homem” nasce de uma necessidade minha de expandir algumas reflexões. Eu sou professora da rede estadual do Paraná há mais de uma década, sou formada em Ciências Sociais e leciono Sociologia. Fiz minha graduação e mestrado na primeira década deste século em uma Universidade Pública do Paraná, e muito dado ao momento histórico, cursei de uma forma imediatamente subsequente.

Era um momento muito propício para as Ciências Sociais, com muitos debates emergindo, como o início da obrigatoriedade da sociologia no ensino médio, muitos concursos públicos em diversos cargos para Sociologia, a ampliação das universidades. Mas, em certa medida, foi um preparo para um mundo em formação que não se concretizou. Houve um primeiro choque quando chegando no chão das escolas me deparei com uma realidade que parece que não acompanhou esse anseio todo

formulado na universidade, e ainda, posteriormente, com um avanço do conservadorismo em todas as camadas da sociedade, acompanhado da interrupção nas políticas públicas que estavam em desenvolvimento.

Na educação esse movimento foi brutal, com uma demanda dos adolescentes que não dialogava mais com os anseios de transformação trazidos pela sociologia; com o acréscimo de uma política quase de perseguição à disciplina, ameaças constantes de retirada do currículo e diminuição das horas em sala.

Exatamente neste contexto, minha trajetória profissional deixou de ser apenas para a educação formal e abarcou também a produção cultural. Por um lado, para que se estabelecesse um caminho alternativo caso não pudesse mais lecionar, por outro, quase que uma obstinação para que, com ou sem sala de aula, algumas reflexões que julgo essenciais pudessem ser realizadas.

Foi assim que em 2017 escrevi o texto principal que se tornou hoje este projeto, tendo Vinicius Moohr contribuído no argumento central. Desde que finalizei o mestrado não escolhi uma temática específica para trabalhar, de forma que cada trabalho apresentou uma demanda diferente, tendo como ponto de articulação temas que são desenvolvidos na Sociologia, perpassando por questões dos Direitos Humanos. Nos últimos anos, meus trabalhos tendem mais a discutir mais questões sobre violências, contudo, o Pirata surge antes dessa época, trazendo quase que uma solução antes do problema.

Em 2022, por exemplo, publiquei um livro intitulado “A vampira de Paranaguá”, uma adaptação livre da obra de Dalton Trevisan, em que apresenta uma mulher que foi “mordida” pelo vampiro de Curitiba e sai pelas ruas atacando homens que, em sua mente, dão todos os sinais de insinuações como se quisessem ser atacados. São apenas alguns contos de uma obra incompleta que ainda será (em algum futuro) um romance. Mas é uma obra que fica meio à escondida, pois é muito conflituosa com essa outra vertente que o Pirata traz, a de um livro infantil projetando superações da violência mais do que em provocações.

Contudo, são vertentes que coabitam em mim, o consumo de violências, a busca por entender, colocar provocações, mas também, trilhar caminhos distópicos onde superações são possíveis. Esses caminhos se entrecruzam. No início de 2017 escrevi o texto, que ficou engavetado, não teve continuidade. Em 2019, quando estava prestes

a sair o edital de incentivo à cultura do estado do Paraná – PROFICE, retomei o texto para transformá-lo em projeto. Procurei Juliana Gatto para transformarmos o texto em livro. Na época, Juliana ainda morava no litoral, em Antonina. Em sua casa passei um final de semana discutindo o texto e os entrelaçamentos dele com a vida, em um momento que eu estava especialmente fragilizada.

Juliana se empolgou com a história, foi uma pessoa que sempre me incentivou nos trabalhos artísticos. Ela montou uma primeira versão do livro com uma diagramação prévia. Propôs a figura do pirata mudando de figuração a cada emoção em que sente.

No ano de 2019 enviei dois projetos para o edital do PROFICE. Um foi a obra sobre a bibliografia do Mestre Zeca, meu primeiro trabalho com mais corpo que já havia sido aprovada em um edital anterior mas não foi captado naquele primeiro momento; o Projeto do Pirata Corcorã. O primeiro passou, onde fiz a minha primeira publicação neste formato cultural. O projeto do Pirata foi desclassificado por um erro meu na hora do cadastro, de forma que somente em 2022 consegui reenvia-lo, para que nestes últimos anos chegasse a fase de execução do projeto.

O PROJETO

Esta obra que apresentamos traz o propósito de fazer refletir, mais atentamente, sobre a construção da masculinidade para as crianças. Há uma carência desse debate como um todo, alguns materiais dedicados a revisão dos padrões do que é ser menina e mulher estão se destacando, mas essa discussão sobre a construção da masculinidade é tão cara quanto rara em nosso meio, quanto mais na literatura infantil. Para compor esta obra, fizemos uma pesquisa bibliográfica com apontamentos sobre o debate de gênero para infância, e relatos de problemas que estas questões trazem para as crianças de maneira geral, e mais particularmente, no ambiente escolar. Também, pudemos acompanhar o ambiente do pátio escolar de uma instituição de ensino fundamental da periferia de Paranaguá-PR.

Para propor esta reflexão, pensamos na cultura se configurando como um mapa (assim como proposto pelo antropólogo Roberto DaMatta (1981). Um norte de códigos socialmente dispostos os quais orientam quem somos. Este não seria apenas um mapa dado, estático e pronto, mas ele se molda a partir daquilo que reconhecemos e revisamos coletivamente e individualmente. Este mapa que se projeta sobre as

crianças, difuso e conflituoso, coloca em questão alguns pontos que trazemos de uma tradição, e outros que trazemos dos jogos de ideias que temos socialmente posta em disputa.

E em uso deste mapa, temos Corcorã, o pirata menino homem que quer ser reconhecido e se tornar grande. Mas como ser um grande homem? O pirata é acompanhado do papagaio Grilo em sua busca da descoberta do ser homem. Grilo é a voz sensata e questionadora que põe em dúvida os passos cegos dados pelo menino seguindo o mapa dos códigos sociais. É preciso seguir o mapa para ser um grande homem? A aventura é real para todos, e expressa de forma a pôr em dúvida a construção que temos solidificada e as escolhas que reificamos cotidianamente.

As ilustrações caminham junto com as provocações do texto. O desenho acompanha com sutileza o humor trágico da demanda masculina pela construção do seu corpo e de seu hábito. No início do livro, o personagem é mais gracioso, com sentimentos espontâneos e disposto a dialogar sobre as suas inseguranças, a sua figura é redonda e desenhada.

Com o andar da história, o personagem é indicado a agir de maneira mais agressiva, se força a estar nesse lugar pensando que somente assim será aceito. Neste movimento, os traços mais livres do início da história se modificam com as mudanças causadas pelas escolhas do protagonista, se contornam mais achatados, em retas grosseiras, perdendo a flexibilidade e se tornando um quadrado rígido. Neste ponto, sua imagem vai se tornando mais quadrada, se moldando a uma figura. Até que chega ao auge do conflito e o menino pirata estoura, se forma só violência.

O protagonista, em sua busca por se sentir grande, por vezes, aparece se amiudando, desaparecendo no decorrer da trama. Cada vez mais o herói já não aparece, some na razão e na busca dela. Ficam mais palavras no livro.

O mapa, objeto central do enredo, é retratado como uma cartografia sentimental do ser homem. Transpostos no desenho vários rostos masculinos de gerações e contextos diferentes, olhares curiosos e perdidos no tempo. Raízes que remetem ao mangue, chapéu e barba, elementos que confundem o urbano e o rural, trazendo traços do caótico posicionamento contra cultura contra o machismo estrutural contrastando com os senhores nos fundos representando uma fórmula antiga e passada. Com este todo que carrega um cansaço, ou até uma tristeza reflexiva. A referência para esta busca

cartográfica do homem no mapa do pirata é de Sueli Rolnik que propor um pensar o mapa pela sensação que ele traz em seus elementos de estudo.

O projeto prevê a publicação da obra infantil e sua distribuição nas escolas, bibliotecas e espaços de cultura do município de Paranaguá. Com o intuito de dar o suporte para a discussão nas escolas sobre papéis sociais dos homens na sociedade, prevemos ainda que a obra seja apresentada para os educadores. Para tal, as escolas receberão também um material de orientações para o uso do livro com os educandos e questões norteadoras para o debate da divisão dos papéis sociais femininos e masculinos. Bem como, prevemos a oferta de 10 oficinas para estes educadores da rede municipal de ensino infantil e fundamental I. Como também, 10 práticas com os estudantes para demonstração do debate sobre construção de papéis masculinos com esta faixa etária. Desta maneira, promovemos um espaço de troca sobre os problemas vivenciados nas escolas propositados por esta masculinidade. Temos ainda o evento de lançamento, e as atividades aplicadas nas universidades locais para os cursos de licenciatura.

Ao todo, para o PROFICE, foi previsto 25 oficinas, sendo estas 10 para as crianças em escolas públicas, 10 para professores e 5 para universidades. Elas foram inicialmente organizadas no final de 2023, e mais intensamente no início de 2024 com reuniões todas as segundas e quartas feiras. Contudo, neste dialogo de elaboração das oficinas, surgiu a necessidade de propor uma contação de história para o público infantil, tornando essa a oficina para as crianças. No entanto, não estava orçado no projeto a montagem do espetáculo. Juntamente com Vinícius Moohr e Breno Oberdan, fomos criando o espetáculo sem muitas certezas de como prever os gastos criados, mas na espera de um edital para que pudéssemos cobrir estes custos. Foi assim que, no meio do ano de 2024, conseguimos um novo edital do Paulo Gustavo municipal de Paranaguá propondo a montagem do espetáculo e mais 3 apresentações em espaços diferenciados para além das crianças do município que já estávamos planejando. Foram, deste modo, ao todo, 28 oficinas. Para este segundo edital, acresceu também alguns elementos que foram almejados no planejamento destas atividades – um Blog com as atividades elaboradas na oficina e também um perfil do Instagram para o projeto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a elaboração inicial da temática houve um estudo de alguns artigos da pedagogia que abordavam especificidades sobre a educação de meninos em idade infantil. Para adentrar neste universo, foi pedido para uma professora conhecida que dava aulas na Escola Municipal Gabriel de Lara para que eu pudesse observar o pátio da escola e a interação das crianças observando se os indicativos da literatura apareciam ali na vivência. Esses textos foram estudados em 2017, e como o projeto ficou engavetado por anos, foram perdidas essas referências teóricas iniciais e as anotações das observações. Mas elas abordavam sobre como há uma tendência dos meninos a serem mais violentos, em ter uma disposição para se colocarem em situações de risco. A observação inicial se acentuou esta preocupação.

Na falta desta literatura, trago aqui anos depois uma dissertação de mestrado de autoria de Danielle Attas pela Faculdade em Educação da Universidade de Brasília que conversa inteiramente com o projeto. Em seu trabalho intitulado “Masculinidades como práticas Sociais – perspectivas dos meninos na educação infantil” de 2023, a autora define o debate sobre masculinidade como estudo sobre os homens ou sobre a identidade masculina. Acentua que não há apenas um formato estático sobre o que é ser homem, mas que é algo formado a partir de um conjunto de construções históricas e culturais dentro de uma dada sociedade (FERRARI, 2016 – p. 22-23 apud ATTAS, 2023).

Esses estudos são voltados especialmente para criminalidade e violência, e há uma razão para isso. Em nossa sociedade, dentro de nosso contexto, formulamos essa relação. Segundo dados da BBC News em matéria de 2016, os homens são responsáveis por 95% dos homicídios em todo mundo. Nesta, é apresentado pesquisas tendendo a afirmar que as questões que levam a tais comportamentos humanos são mais sociais do que biológicos (genéticos ou hormonais), ressaltando que afirmem serem os estudos inconclusivos.

Em outro patamar, a organização ANDI (2024) reportou sobre as violências sofridas por homens, em 2021 50,6% dos homicídios fizeram vítimas adolescentes e jovens entre 15 e 29 anos, são em média 6 jovens assassinados por dia no Brasil. O perfil dos que mais sofrem assassinatos no Brasil é de homem, jovem, preto, com ensino

fundamental incompleto e morador das zonas periféricas.

Um estudo feito pelo Conselho Nacional do Ministério Público reforça ainda que é grande o percentual desses homicídios que ocorre por motivo fútil ou impulso, em alguns estados como em São Paulo, esse foi o motivo de 83% dos homicídios entre 2011 e 2012. Segundo reportagem do G1, foram estes dados que justificaram a criação de campanha para a segurança pública – Conte até 10. Nesta, incentivam estratégias para o controle da raiva como forma de autocontrole diante das violências. Política que nasceu em 2012 e se perdura até hoje. Em casos de violência entre homens, entraria nessa estatística brigas de bares, pequenos desentendimentos, ou conflitos momentâneos.

As publicações do Atlas da Violência, relatório anual elaborado pelo IPEA que atualiza os dados de violência no Brasil, têm trazido o enfoque para as violações sofridas pelos grupos vulneráveis (como mulheres, negros, idosos, deficientes, entre outros). Nesta análise, a categoria homem somente aparece sob um recorte, como homens negros por exemplo.

Ainda que os homens sejam os que mais sofrem violência, possivelmente, de comum o dado se omite. Assim como, são homens os principais agressores de todos esses subgrupos estudados, tendo enfoque maior quando abordado a violência contra a mulher. Para esta, foi tipificado crimes específicos como a Lei Maria da Penha e o feminicídio. É uma violência diferente da que sofre o homem por ser cometida mais em espaços privados, comumente por pessoas conhecidas ou até parceiros íntimos, e por ser uma violência diretamente ligada ao fato da vítima ser uma mulher, assim como aponta o site da OPAS da Organização Mundial da Saúde¹.

Por tudo, são os homens que mais matam, os que mais provocam agressões, mas ainda também são eles as principais vítimas da violência, muitas vezes em ações por motivos fúteis.

Essa noção de masculinidade com um sujeito propenso a violências diz sobre os sujeitos que encontramos em nossa sociedade. Segundo Rita Segato (2022), esta estrutura de poder masculino que vemos hoje é antiga, diz de sociedades que se pautam na invasão de outros povos. Ainda que anterior, é com a colonização e a formação do capitalismo que se molda esta percepção da maneira como a temos visto.

¹ Site com dados complementares em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>.

A teoria atenta como esta forma como temos analisado e compreendido os homens é entendida como uma construção histórica dentro de um dado contexto. Visto que, sendo uma construção, assim como pudemos elaborar, podemos também revisar e reformular. Se fosse tratada como uma categoria da natureza humana, seria menos viável tal reflexão, ainda que nós como seres humanos somos fundados nas transformações da natureza que produzimos.

De volta ao texto de Attas (2023), a autora reforça que a educação (em especial a infantil) foi pensada por mulheres para que seus filhos pudessem ter acessos e cuidados, e neste espaço, temos o objetivo de convivência coletiva, vivências em práticas culturais diversas. No entanto, há um ensinamento cristalizado dos papéis sociais masculinos em que é preciso uma performance de condutas, fantasias, modelos e desejos. A autora alerta que seguir tais padrões pode causar angustias por se prender sempre tentando manter tal modelo. Pode também causar egos que se sentem superiores e provoquem desigualdades, ou ainda, provocar ideias engessadas sobre paternidade, cuidado, autocuidado, podendo gerar atitudes de violência. Ou seja, a autora alerta como a conduta como tratamos e orientamos os meninos tem potencial de incentivá-los a responder com comportamentos agressivos.

É sobre tais aspectos que estamos buscando, pensando em uma relação de causalidade, o que nesta construção do que é o menino fomenta para que depois, quando adulto, estes sujeitos sejam mais propícios para a violência?

Segato em seu livro “Cenas de um pensamento incômodo gênero, cárcere, raça e cultura em uma visada decolonial” (2022), traz alguns pensamentos que podem responder essa correlação que estamos projetando entre a masculinidade e a violência. Segundo a autora, a partir do humanismo moderno deixou-se de se tratar do homem genérico e foi postulado então um homem com H maiúsculo, a dita humanidade. Neste espaço/tempo o homem como sujeito passa a centralizar todo o universo da politização e tudo que não é um homem passa a ser um não homem, que demanda de sua autorização.

A autora ressalta ainda que essa construção do que tanto buscamos ainda hoje do que seria uma postura ou uma conduta “humanizada” traz deste tempo da centralidade do Homem. E acarreta uma visão inoportuna da história, tendo que este mesmo sujeito que se auto denominou “humano” em toda sua trama moral que isso

acarreta, é também um dos sujeitos que mais foi violento em toda a história da humanidade, pois foi este o momento histórico de toda estrutura da colonização.

PENSAMENTOS PEDAGÓGICOS

No momento da criação do livro, a intenção maior era a chegada desse tema nas escolas municipais com o fundamental I, seus estudantes e professores. Mas com a revisão do texto e a organização das atividades, a preocupação pedagógica de como dialogar com esse público se instaurou. Uma primeira versão do texto foi enviada para professores que atuam com crianças na rede pública. Ao todo, enviamos para 10 professores e obtivemos 4 análises de retorno contrastando o dilema do livro com a realidade que esses profissionais enxergam, e possíveis críticas à forma como estava sendo conduzido o debate. Nesta confrontação, tivemos retornos dizendo sobre como determinadas formas propostas não dialogavam com as crianças. O livro estava com um tom obscuro com uma crítica aprofundada que não seria acessível para toda e qualquer criança (talvez sim para uma criança com maior orientação e suporte, mas como o público maior eram crianças da rede pública, decidimos rever). Algumas críticas para o texto também apareceram, por exemplo, sobre ofato de o texto se encerrar de maneira mais subjetiva, sem dar respostas concretas para as crianças. As críticas apontaram que a linguagem infantil precisa de reforços positivos mais objetivos para se ter uma resposta direta.

Em vistas destas revisões, houve uma alteração no texto e na diagramação das imagens. Nesta reformulação todos os envolvidos no projeto participaram, suscitando muitos debates. Os debates se pautaram muito em experiências pessoais e vivências de cada um sobre as circunstâncias apontadas no livro. O cerne da discussão modificou o meu foco original de propor uma nova relação dentre os comportamentos que vi e vivi que achava incorretos, para uma revisão onde não iria conseguir propor mudanças se eu também não estivessemos dispostos a reaver as nossas próprias experiências.

A reflexão pauta também sobre o quanto é difícil mexer em paradigmas centrais da moralidade social. Poucos se dispõem a alterar suas construções solidificadas dessa maneira assim tão aberta, de forma que para qualquer um é uma tarefa que exige um grande cuidado. As escolhas metodológicas pautaram esses dilemas e revisões

encontradas no percurso.

Assim, entendemos que a proposta de “descobrir um novo mapa” seria uma responsabilidade coletiva, mas que exigiria da disposição individual de cada um. Esta disposição individual não é responsabilidade de ninguém além de cada um, sendo assim, a responsabilidade do projeto é trazer a reflexão, apontar caminhos, mas não necessariamente trazer respostas prontas.

Em certos aspectos, estes pontos dialogam com a análise de Terezinha Azeredo Rios (2001) quando trata da educação como a busca do que denomina como Felicidadania. Esta seria a junção de cidadania e felicidade aplicadas no contexto da educação. Sendo que cidadania traz da noção da Grácia Antiga o aspecto como um pertencimento coletivo ou uma responsabilidade compartilhada, na qual está posto para que todos participem ativamente das decisões. Em contraponto, a felicidade é um “estar no mundo” ao ponto que atingir a cidadania em sua integridade na busca de um bem coletivo é também alcançar a felicidade.

Uma busca que relaciona o individual e o coletivo, a autonomia de cada um e sua ação para com o mundo elaborando assim uma construção ética social e coletiva.

Em dada medida, a irresolução da busca ao tesouro no livro traz uma incompletude ao responder qual seria então o bom homem. É uma não resposta que representa essa busca citada por Terezinha Rios, uma busca ainda a ser construída, e coletiva. Tal reflexão carece do reconhecimento de que alguns códigos de nossa sociedade talvez estejam falhos, e então, trabalhar para propor novos códigos.

Paulo Freire, por outro lado, é um autor que delimita muito minhas definições na prática pedagógica. O autor aborda em sua obra “Pedagogia da autonomia” (2014) o quanto é necessário entender quem o estudante é, de que mundo ele veio, e respeitar o seu processo histórico. Por mais que haja uma intenção (sempre há uma intenção) nesta dinâmica do conhecimento, o estudante ainda tem seus pressupostos e suas escolhas individuais.

É neste sentido que o pressuposto claro e disposto das atividades é que não iremos trazer respostas, e sim trazer reflexões. A intenção não é fazer enfrentamento, causar constrangimentos, ou colocar contra a parede, ao contrário, a intenção é trazer ferramentas para construir diálogos. E que o caminho dali em diante é uma escolha de cada profissional, de cada indivíduo. Mas ainda que a ação prática de cada um seja

uma responsabilidade individual, as respostas que precisamos são coletivas, carecem de debate e trocas entre a sociedade.

Para tal predisposição, elegemos algumas palavras chaves norteadoras do processo: Ferramentas; Diálogo, convite, reconstrução do mapa, sugestões, caminhos, reflexão, socio-cultural, respeito à autonomia.

A oficina propõe que nesta dinâmica da criação da oficina temos então um novo mapa que traz dicas de como ser então esse “grande homem”. Na história, o pirata descobre que aquele primeiro mapa não estava levando-o para o caminho de um homem bom, e com a dinâmica iríamos então percorrer os caminhos para tentar estabelecer como seria esse novo homem.

São três atividades que criamos para esta reformulação do mapa, tendo como base principal o material COOLKIT (2011) elaborado por uma associação educacional portuguesa. Neste novo mapa, temos 3 lugares: primeiro, Caminho dos olhos olhantes, nos serve para identificar quais são essas questões que poderíamos reformular, um segundo lugar, o Tronco do descanso, para buscar o que desejamos, o terceiro lugar, O rosto que muda, trazem o como transformar nossas ações.

A definição destas três fases teve uma influência do Plano Pedagógico da UFPR-Litoral, sendo que Vinícius Moorh foi aluno da instituição, ele trouxe essa proposta que dizia como um caminho a percorrer contendo desfecho para a atividade, tendo a articulação entre as três fases temporais, conhecer e compreender; compreender e propor, e propor e agir.

A proposta foi elaborada de forma que o livro físico traz um encarte explicando a proposta, dizendo sobre o novo mapa e as atividades, e um qrcode para acessar e ter acesso ao material produzido.

CONCLUSÕES

As vivências propostas no programa da ANE aconteceram concomitante à execução do projeto Pirata Corcorã, tendo acompanhado e sugerido novas propostas para repensar as atividades. A nossa primeira apresentação da contação de histórias e das oficinas aconteceu por intermédio da pós-graduação, juntamente com o grupo do BAGRICHI de Paranaguá. Como também muitas das minhas questões e indagações

foram ouvidas e até resolvidas com as reflexões em aula, no território, ou em conversas com a professora Susa. Foram encaminhamentos que se contemplam e se desdobram naquilo que foi alcançado.

O projeto ainda não foi inteiramente concluído, até o presente momento aplicamos 27 das 28 oficinas planejadas, e teremos também o lançamento do livro provavelmente em fevereiro. Tivemos grandes obstáculos nessa produção das oficinas e nos cercamos de todos cuidados e atenção para que o projeto chegasse às escolas públicas como um espaço de diálogo e reflexão. Foi exitoso neste sentido, por mais que não foi possível realizar as oficinas da maneira planejada. Idealmente, a proposta era para que chegasse a um público amplo, pessoas que talvez eu enquanto sujeito não dialogasse, distante da minha realidade.

As oficinas com as crianças ocorreram com mais facilidade e atingiu esse objetivo mais amplo. A interação com as crianças aconteceu de forma fluída, foi levantado o debate, e pelas respostas das atividades foi possível chegar a algum resultado. É limitado por ser apenas um recorte de tempo, difícil avaliar com exatidão o quanto fica, ainda assim foi possível acompanhar tanto o reforço quanto iniciativas de revisão da violência nos espaços escolares.

O ponto clímax da trajetória do Pirata se atinge na terceira dica, quando ele projeta que deveria se distanciar das meninas. Neste momento, em algumas apresentações houve intervenções dos meninos que assistiam vibrando com essa resolução e apoiando o Pirata. Na primeira apresentação em que isso aconteceu provocou uma questionamento se não seria um reforço de violências, porque a história incentiva comportamentos duvidosos para vivenciá-los e reconhecê-los como errados. Contudo, de outra maneira, esta reação do público prova que há a demanda de reflexão neste comportamento, e que esta reflexão deve partir da realidade concreta, tendo que há a ação concreta sendo representada para que a partir dela se possa pensar na transformação.

De outro modo, não raro foram as reações das meninas com este momento da contação, algumas até com revolta de que aquilo estava sendo dito. Algumas dessas meninas trouxeram falas ao final da apresentação que aparentavam sentirem-se contempladas com a problematização.

A maioria das apresentações ocorreram com reações dos estudantes que

traduziram reflexões para além do que era esperado. Mas também tiveram problemas, o maior aconteceu quando fomos testar públicos diferenciados em uma escola do fundamental II para o sexto ano. Analisamos que a idade já reage de outra maneira para com a história, não riam nem interagiam como as crianças mais novas, e ainda na oficina final quando solicitado que fizessem um desenho propondo a superação do conflito da peça, uma das crianças desenhou uma suástica como uma afronta para a atividade. Repensando posteriormente com o grupo envolvido nas apresentações, entendemos que a fase da pré-adolescência estabelece uma relação de questionamento e enfrentamento às regras, esta dinâmica de induzir ao erro para causar reflexão é mais acertada para a infância do que para adolescentes.

Em avesso a esta experiência com facilidades e fluidez, tivemos as oficinas com os professores. O calendário também foi prejudicado, tendo que as propostas eram para o final do ano, um ano eleitoral, tendo muitas barreiras tanto institucionais quanto individualizadas para acertar estas oficinas. A Secretaria da Educação nos propiciou apenas uma das dez oficinas previstas, as tentativas de encontros com inscrições abertas também foram esvaziadas. Tanto em quantidade não foi o imaginado, como ainda não se alcançou um público amplo, apenas profissionais mais interessados. A dificuldade nos levou a ampliar os formatos, aceitar o que nos era oferecido, promovendo encontros mais diversos. Como, por exemplo, o evento da Biblioteca do IFPR com o público composto por uma turma do técnico em produção e outra do mestrado, sendo contabilizado como oficina para professores para conseguir atingir a quantidade de oficinas.

Algumas reflexões que apareceram foram também necessárias. Em uma das últimas oficinas que aplicamos, uma com inscrições abertas, estavam um advogado e militante anarquista e algumas professoras do ensino infantil, uma em especial bem conservadora reforçando o papel masculino do homem da casa. O militante estava argumentando na tentativa de aprovar o quanto que aquelas professoras poderiam fazer a mais para mudar a realidade, que não era uma questão de políticas mas de cada um. Ao que as professoras, principalmente a conservadora, respondiam falando todas as atrocidades sociais que elas precisavam lidar no chão da escola, reforçando que ela não teria condições para fazer a mais. O debate seguiu com grandes desvios de temáticas, mas me fez repensar como em alguma medida é uma responsabilidade

a mais que esta resolução possa vir da escola institucionalizada e no formato como temos. E novamente, trazendo o quanto os caminhos são descobertas a serem feitas coletivamente, sem que precise pesar para ninguém.

Neste percurso final, estamos lidando com as resoluções, com os materiais coletados nas oficinas, e nos preparando para finalizar o projeto. É neste percurso que trouxemos uma experiência, seus percalços e reflexões, de como podemos nos valer da cultura e da educação para propostas de transformação, atentando a temas sensíveis e de difícil entrada. Apontando a educação, em seu sentido mais amplo, envolvendo educadores, futuros educadores, estudantes, comunidade, como um espaço propício para a revisão de conflitos e de comportamentos.

Anexo - relatório Fotográfico:

REFERÊNCIAS

ACAYABA, Cintia; PASSARINHO, Nathalia. **Em SP, 83% dos homicídios são por motivos fúteis ou por impulso, diz MP**. G1 – nov 2012

ATTA, Danielle de Oliveira. **Masculinidades como práticas sociais: perspectiva dos meninos da Educação Infantil**. 2023.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro Coordenador et al. **Atlas da violência 2024**. 2024.

DAMATTA, Roberto. **Você tem cultura?**. 1981. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/handle/123456789/2464> . Acesso em: 01/12/2024

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2014.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 2001.

RODRIGUEZ, Margarita. **Por que os homens são responsáveis por 95% dos homicídios no mundo?**. BBC News, out – 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional37730441#:~:text=Os%20pesquisadores%20indicam%20que%20as,e%20atividades%20do%20crime%20organizado.>>. Acesso em: 01/12/2024.

ROJÃO, Graça et al. Coolkit: jogos para a não violência e igualdade de gênero. **Covilhã: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género**, 2011.

SEGATO, Rita. **Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial**. Bazar do Tempo, 2022.

ANDI comunicação e direitos. **Taxa de homicídios cai, mas jovens continuam sendo as principais vítimas**. mai – 2024. Disponível em: <https://andi.org.br/infancia_midia/taxa-de-homicidios-cai-mas-jovens-continuam-sendo-as-principais-vitimas/>. Acesso em: 01/12/2024.



Pirata Corcorã

iniciativas na educação para a
construção da cultura da paz



01

Introdução

O projeto da ANE acompanha a produção do livro infantil - Pirata Corcorã: como ser um grande homem, com iniciativas na educação formal para crianças, professores e estudantes universitários.

Este é formulado a partir de leis de incentivo à cultura tendo dois projetos que o promovem - PROFICE estadual e Lei Paulo Gustavo municipal.

02



O livro



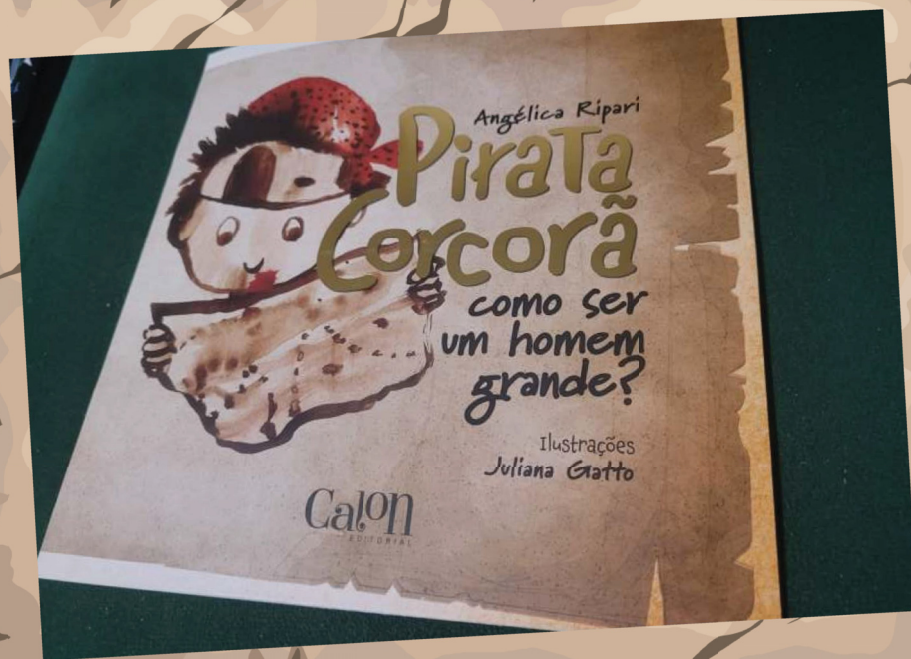
Orientações

O livro parte de um mapa que o menino pirata precisa seguir para se tornar um homem.

Seguindo a história do livro, são três dicas em três lugares do mapa.

Lugares

No Mar de sapos ele é orientado a ser grosso e nunca fugir de uma briga; na Floresta dos gritos sufocantes a ser durão e não mostrar os sentimentos; e na Montanha da cartola uivante ele precisa ser Homem-Homem e mandar para longe as meninas.



03

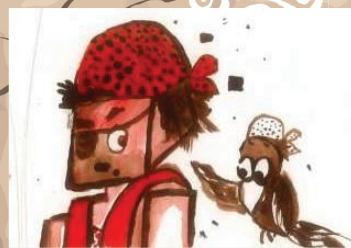
O personagem

Orientações

As ilustrações seguem o desenvolvimento do personagem. No início ele tem formas redondas, traços mais graciosos. Ele demonstra suas fraquezas e inseguranças. Ao seguir as dicas do mapa, o Pirata vai se tornando mais quadrado em sua forma.

No auge de sua fúria, se torna explosivo. E ao final, quando revê suas atitudes, não retorna ao formato original, pois não é mais o mesmo. Mostra-se remontado por suas experiências, em pedaços

O personagem



The background is a collage of old maps and parchment. In the top right, there's a small map fragment with a compass rose and red markings. The overall texture is aged and brown.

04



O mapa



Orientações

A noção de mapa como códigos sociais foi pensada a partir do texto “Você tem cultura?” de Roberto DaMatta, pensando na cultura como uma partilha dentro de um grupo que te faz pertencente.

Ações

Essa noção de códigos compartilhados permite entender que é a partir da compreensão que adquirimos em nossa cultura que projeta a nossa ação e o nosso julgamento sobre o mundo.

O mapa do bom homem

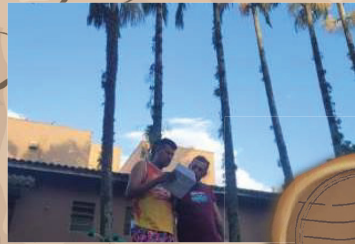


05

Montagem

O desenvolvimento do projeto demandou encontros para o debate, a reformulação do texto, o desenvolvimento das atividades aplicadas para os professores, e a elaboração da contação de histórias.

Montagem





Montagem



Apresentações

- contação para crianças:

02/09 E M Prof Joao Rocha dos Santos e
E M Prof Francisca Pessoa Mendes

16/09 E M Dr Aníbal Ribeiro Filho e E M
Prof Rosiclaire Silva Costa - CAIC

23/09 E M Prof Edinéa Marize Marques
Garcia e E M Nayá Castilho

30/09 E M Takeshi Oishi e E M
Nascimento Junior

04/11 E M Luiz Andreoli







Apresentações para universidades:

24/07 UFPR-LITORAL bagrichi

26/08 UNESPAR

28/09 IFPR curso sociologia

30/09 IFPR curso sociologia

26/11 UNESPAR evento pedagogia



Apresentações para professores:

22/07 C E Bento Munhoz da Rocha Neto

21/10 EM Dr. MIRANDA COUTO -
ANTONINA

28/10 CE Gratulino de Freitas - magistério
- Guaratuba

11/11 ICMEI Cavalo Marinho pontal
professores

13/11 SESC

25/11 EM Hugo Pereira Moreira







Apresentações para professores - outros públicos:

24/06 sindicato professores

11/11 CEMEI Cavalo Marinho
(apresentação para crianças -
Pontal

21/11 IFPR biblioteca

14/12 Caiçarina ufpr-litoral





A proposta inicial era para que as oficinas com crianças e com professores, ao todo 20, fossem realizadas em parceria com a Secretaria da Educação. de Paranaguá. Foram realizadas nove apresentações para crianças na rede municipal de Paranaguá. Houve algumas dificuldades na organização junto a Secretaria que possibilitou a projeção para novas propostas em outros espaços, o que modificou os planos especialmente para a oficina com professores, a qual conseguimos apenas uma oficina com a secretaria de Paranaguá.

As demais oficinas foram acordadas em comunicação direta com as escolas, em demais municípios do litoral. As oficinas com os professores foram as que mais tivemos dificuldades para o agendamento, por isso acabamos ampliando os formatos e os públicos para respeitar a totalidade de 10 oficinas.



Apresentações pela Lei Paulo Gustavo

26/09 Colégio Bento Munhoz da
Rocha Neto

26/10 Centro Cultural 5C

04/11 Escola Bilíngue para surdos
Nydia Moreira Garcêz



Passos restantes

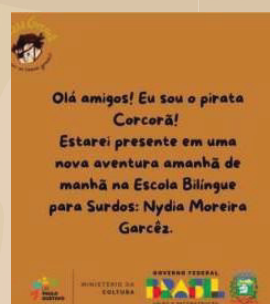
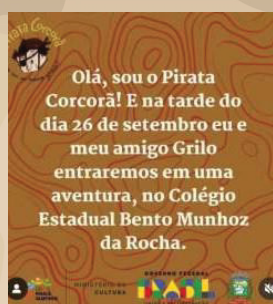
O projeto ainda está em andamento. Das 28 oficinas que deveriam ser realizadas, somando os dois projetos, em 2024 foram implementadas 27.

Para 2025 temos uma oficina restante e ainda o lançamento oficial do livro que está em elaboração.

Além das apresentações, os trabalhos de divulgação ainda estão em desenvolvimento.

06

Divulgação



Divulgação



Orientações

A divulgação aconteceu em grande parte pelas redes sociais, vinculado ao perfil do projeto. Foi produzido também um material impresso para a apresentação aberta ao público.

07

Instagram

O perfil na rede social do projeto propõe a divulgação das ações. As postagens abordam os personagens, a circulação e a produção do livro como um todo.



@piratacorcora

piratacorcora 26 publicações 713 seguidores 1.641 seguindo

Um pensamento...

Pirata Corcorã
Eu tenho um livro meu, uma contação de história, e muitas aventuras!
forms.gle/JYKbXiKyTB4nTos39

Painel profissional
7,9 mil visualizações nos últimos 30 dias.

Editar perfil Compartilhar perfil

Grid of 9 images showing various activities related to the project, including children reading and a pirate-themed event.

Projeto "Pirata Corcorã: como ser um Homem Grande" leva às escolas e Universidades do Litoral oficinas sobre a construção da cultura da paz

A source that I'm grateful for is the fact that I'm not a person, but a project.

Olá, sou o Pirata Corcorã! É na tarde do dia 26 de setembro eu e meu amigo Grilo entraremos em uma aventura, no Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha.

Grid of 9 images showing various activities related to the project, including children reading and a pirate-themed event.

36 Curtido por anaclaudiadacosta_ e outras pessoas

piratacorcora Oi eu sou o Pirata Corcorã!

E eu tenho que seguir as pistas deste mapa pra provar ser um pirata de verdade.

Essa é a história do meu livro, que já vai ficar pronto daqui a pouco!

Essa é uma ação original do projeto da Lei de Incentivo à cultura do Estado do Paraná: PROFICE (editado 002/2023), tendo apoio da COPEL. Mas a ideia cresceu tanto que ainda temos apresentações em outros espaços e a criação desse Instagram pela Lei Paulo Gustavo, do município de Paranaguá – chamamento público nº003/2024 de Paranaguá com verba proveniente da Lei nº195/2022.

#literaturainfantil #lpg #Profice

30 de outubro · Ver tradução

08



O blog



O livro "Pirata Corcorã: como ser um Homem Grande" é um convite para a reflexão sobre a

Orientações

No projeto foi orçado a elaboração do blog, que foi desenhado pela Juliana Gatto e revisado por Flavio Jacobsen. No livro terá um material anexo com as indicações ao leitor e um encaminhamento para as atividades que estão no blog. Endereço : <https://piratacorcora.wixsite.com/blog-do-livro-infant>.

09

~.~ Acessibilidade ~.~

Orientações

O projeto contou com divulgação com audiodescrição em algumas postagens. Nas apresentações havia um profissional para a tradução em libras disponível para o público. Na equipe contamos com uma profissional PCD na sonoplastia.

Audiodescrição:
Cartão com fundo em tons de marrom. No centro, o desenho da cabeça de um pirata. Ele tem a cabeça em formato quadriculado, usa um lenço marrom escuro nos cabelos e um tapa-olho preto no olho direito. Tem o olho esquerdo redondo com a sobancelha arqueada. O nariz e a boca são pequenos. Em torno do desenho o título: Pirata Corcorã - Como ser um homem grande? No rodapé, a logomarca dos realizadores: Lei Paulo Gustavo, Ministério da Cultura, Governo Federal - Brasil, e brasão da Prefeitura de Paranaguá.

Ficha técnica

Angélica Ripari: Autoria, técnica de formação de oficinas e produção.

Vinícius Moohr: Técnico de formação de oficinas diretor de cena e ator.

Breno Oberdan: Caracterização e ator.

Juliana Damilly Vieira dos Santos: Oficineira

Ana Luisa Burnett Costa: Sonoplasta

Angela Meschino: Coordenação

Juliana Gatto: Ilustradora e Diagramadora do blog.

Bruno Nascimento: Diagramação, edição e Arte Gráfica

Zen: Artes Digitais

Thamires Moohr: Gestão de redes sociais

Andressa Marques: Intérprete de libras

Júlia Moretti Pereira: Assistente de produção e Registros

Serafim Filmes: Registros

Associação COLAB - Escola de deficientes auditivos: Intérprete de libras

Cris Kenne: Audiodescrição

Participações:

Beli Bertalha: Música

Lili Sarraff: Adereço





